

## FILOSOFANDO, NOVAMENTE

\*Luiz Almeida Marins Filho

Há pouco tempo, lendo um relatório sobre o ensino superior nos Estados Unidos e na Europa, deparei-me com algo que realmente me chamou a atenção: Estão aumentando os cursos e a demanda de alunos nas áreas chamadas pelo genérico de "Humanidades". Está havendo uma verdadeira corrida de volta à Universidade por pessoas já formada ou "deformadas" pelo excesso de tecnicismo das grades curriculares dos cursos da área chamada de tecnológica ou das ciências exatas. As pessoas "deformadas" por esses estudos, segundo pesquisas realizadas, encontravam-se a cada dia mais angustiadas com a ausência de capacidade de crítica, de compreensão, de análise do mundo que as rodeia. Os cientistas das universidades que montaram tais cursos, esqueceram-se de algo fundamental para ser ensinado, discutido, deglutido e assimilado profundamente: toda ciência tem seu fundamento e fim no homem. A engenharia pela engenharia, a medicina pela medicina, tornam-se terrivelmente alienantes, fazendo do homem uma máquina de construir ou uma máquina de curar máquinas. E isso estava e está criando um profundo e sério problema nos países do primeiro mundo, que já passaram a áurea e efêmera fase do tecnicismo pelo tecnicismo. Está se valorizando a cada dia mais o estudo da filosofia, da história, da sociologia, da antropologia, da pedagogia, etc.. O homem está sentindo novamente a ne-

---

\*Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Doutor em Antropologia.

Secretário da Educação e Saúde de Sorocaba.

cessidade de "filosofar", que segundo o mestre Aurélio significa: "...1. Raciocinar acerca de assuntos filosóficos; 2. Discorrer sobre qualquer matéria científica; 3. Raciocinar tirando induções; 4. Pensar, meditar, cismar, matutar; 5. Argumentar, discutir ou disputar com sutileza.."

E é exatamente o que o homem está querendo hoje, no mundo todo: filosofar. E esse novo filosofar está trazendo como consequência novas posturas frente à vida. Novos movimentos sociais. Movimentos messiânicos. Movimentos puramente religiosos para fins políticos. O homem está voltando a "pensar, meditar, cismar, matutar" qual o verdadeiro valor humano de todo o progresso técnico que ele nem sequer teve tempo de acompanhar. Será o homem atual mais feliz?

Além daqueles que estão voltando à escola para um processo de "reeducação" humanística, o número de entrantes para a universidade que está escolhendo cadeiras humanistas aumenta sensivelmente. As universidades se obrigam a incluir em seus currículos disciplinas até então esquecidas, ou mesmo consideradas "perfumarias" como História e Filosofia. A ênfase dada ao estudo da História na Europa, principalmente na Alemanha e Inglaterra e nos EEUU pode-se dizer que não tem precedentes desde o advento das faculdades da área tecnológica. Enfim, descobriu-se o óbvio. Não adianta termos cientistas puros que não saibam pensar. E não adianta termos pessoas capazes de pensar, sem que pensem e pesem a verdade universal de que o homem é a medida da ciência. Numa pesquisa feita para se definir a programação das universidades abertas e dos colégios da comunidade na Inglaterra e EEUU respectivamente, chegou-se a resultados surpreendentes: os cursos mais solicitados são os de História e demais ramos das ciências humanas. Parece ter acabado a ânsia do pragmatismo onde se queria aprender "como fazer coisas". Agora a ânsia é por saber "o porquê das coisas". Ensinar a pensar, criticar, redigir, expressão oral, etc. são as novas "descobertas dos habitantes do 1º mundo. E nós, no Brasil?

Os seculares processos europeus não duram sequer uma década nesta terra de Cabral. Basta vermos que em nossa Sorocaba temos, literalmente "sobrando", médicos, engenheiros, advogados, administradores de empresa e também professores. No mercado de trabalho está passando por uma situação das mais interessantes, já experimentados por outros lugares. Ou exige-se total e absoluta especialização, ou se exige um profissional que só a vida formava, ou seja, generalista, capaz de redigir bem, criticar, reconhecer situações-problema e tomar decisões baseadas num bom-senso que nenhum curso técnico é capaz de dar. Exige-se o especialista em "Relações humanas", ou em "Relações Públicas", ou em "Contatos externos e internos" enfim, alguém que seja uma pessoa "capaz" quase que indefinidamente. E como formar este "profissional"? Impossível. Exigem-se dele também conhecimentos técnicos relacionados com a atividade da indústria ou da empresa contratante, porém não em profundidade. É necessário que tenha capacidade de ler manuais técnicos e sem ser essencialmente técnico assimilar seu conteúdo essencial discernindo coisas, etc.. Este é o profissional mais bem pago hoje em qualquer país do mundo. É especialista em conduzir grupos humanos especialistas a produzirem dentro de suas especialidades. E discutir e argumentar com eles, sem ser um especialista na especialidade. Geralmente as empresas chamam este raro profissional de "homem com visão ampla..." e que possua "ânsia pelo saber e por novos conhecimentos". E assim, algumas pesquisas vêm mostrando que os altos cargos de chefia nas grandes empresas no mundo todo, estão sendo ocupados não pelos "especialistas" mas pelos "homens de visão", assim chamados pela capacidade de não se perderem em detalhes e não se perderem no demasiado global. Assim, as maiores empresas norte-americanas e europeias têm em seu centro diretivo, filósofos, historiôgrafos, pedagogos que nunca de fato exerceram essas profissões que por essa mesma razão nunca foram e nem serão regulamentadas nesses países. São apenas "homens capazes". Seus subordinados são os

das áreas tecnológicas, "restritos" como eles mesmos se definem, ao invejarem os conhecimentos de história da arte, de música erudita, de literatura clássica, de pintura, etc. de seus chefes. E muito comumente perguntam: "Como esse homem tem tempo de ler tanta coisa, de saber tanta coisa, se eu que só lido com uma máquina não consigo entender só dela com a desejável perfeição?" E essa dúvida cruel que açambarca os espíritos daqueles que foram deformados pelo ensino excessivamente tecnicista fica para sempre creditada na frase-feita de que os chefes são "espíritos superiores", por isso são chefes.

Mas com o mundo, o Brasil está acordando para o valor do ensino de filosofia, da história, da música, das artes afinal. Cursos que estavam em plena extinção estão voltando em todas as universidades de nosso País. Basta atentarmos para o fato de que nossos próprios alunos estão sentindo-se mal pelo fato de não conseguirem mais "pensar", escrever, narrar, contar, e muitos deles, já na universidade nos pedem como indicação livros de literatura, história, poesia para que numa ânsia de última hora, consigam a "formação" da qual sentem falta. Basta que um professor comece a questionar, "raciocinar tirando induções" junto com seus alunos para que estes comecem a sentir o valor de "filosofar".

E, se desde algum tempo até pouco, "filosofar" era empregado pejorativamente, como alguém desligado de um mundo tecnológico que corre para o não-sei onde, hoje o "filosofar" é virtude de poucos que ainda conseguem decodificar o mundo ao seu redor, num processo constante que o mestre Aurélio definiu tão docemente e tão brasileiramente, o processo de "matutar, cismar, meditar, pensar".